

Criação e desenvolvimento de bibliotecas e variáveis sócio-culturais

Establishment and development of libraries in relation to social and cultural variables

SÔNIA DE CONTI GOMES *

Considerações sobre a tendência revelada por alguns estudiosos da biblioteca no sentido de colocar a criação e desenvolvimento de bibliotecas como variável dependente de fatores sócio-culturais, dando-se ênfase a trabalhos que mostram a relação biblioteca/sociedade em países em desenvolvimento

1 INTRODUÇÃO

O exame de trabalhos desenvolvidos na área da história das bibliotecas revela o esforço, por parte de alguns historiadores, em estabelecer generalizações teóricas para explicar a criação e o desenvolvimento de bibliotecas, situando-as como variáveis dependentes. Williams (6) escreveu um artigo em que procura identificar estudos orientados nesse sentido e verificar até que ponto as generalizações teóricas foram testadas através

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG

de pesquisas empíricas. Procurou centralizar seu trabalho na biblioteca pública americana, mas dedica atenção também a autores que escreveram sobre o desenvolvimento de bibliotecas na Europa Ocidental.

Após revisão da literatura relevante, Williams concluiu que os trabalhos, apesar de variarem consideravelmente no modo de estabelecer suas generalizações, algumas mais bem definidas, outras constituindo apenas tentativas de hipóteses, podem ser divididos em quatro tipos. Ele classifica os três primeiros tipos de «teoria das condições sociais», «teoria da tradição democrática» e «teoria do controle social». Ao quarto tipo não chama de teoria, mas de «influência de bibliotecas e bibliotecários», onde a atitude desses dois elementos é considerada uma variável independente que exerce influência no desenvolvimento de bibliotecas.

Para os propósitos de seu trabalho, Williams define teoria como uma «declaração sistemática das relações entre as variáveis com a finalidade de explicar fenômenos naturais» (6:330). Apesar de denominar os tipos de generalizações de teorias, reconhece que, não obstante serem muito úteis, necessitam ser comprovadas através de fatos específicos de tempo e lugar para se tornarem efetivamente teorias. Julga, entretanto, que a enumeração de variáveis já é um passo inicial muito importante para a construção de uma teoria.

Nosso objetivo, nesse artigo, é apresentar uma das explanações que Williams situa como fazendo parte da «teoria das condições sociais» e confrontá-la com outras que se encaixam dentro dessa mesma abordagem, mas que apontam as variáveis sócio-culturais que mais afetam a criação e desenvolvimento de bibliotecas em países em desenvolvimento.

2. VARIÁVEIS SÓCIO-CULTURAIS

Johnson & Harris (4), no capítulo inicial do livro em que expõem a história das bibliotecas no mundo ocidental, relacionam a criação e o desenvolvimento de bibliotecas a certas condições sociais, econômicas e políticas, consideradas por eles como fatores importantes para o crescimento de bibliotecas.

Esses estudiosos partem da constatação de que os historiadores das bibliotecas, desde a publicação de «Breve relato da História das Bibliotecas» de Justus Lipsius no séc. XVI até às obras de autores contemporâneos, «têm se dedicado a descobrir não só como as bibliotecas influenciam a sociedade de sua época, mas também como a sociedade inibe, encoraja ou dirige o crescimento de bibliotecas». (4:4) Observam que a maioria dos autores destaca determinadas condições como pré-requisitos importantes para o crescimento de bibliotecas, que podem ser agrupadas em condições sociais, condições econômicas e condições políticas. Como condições sociais que exercem influência positiva sobre bibliotecas citam:

a) O aparecimento de centros urbanos, que em suas múltiplas atividades produzem registros que requerem sistemas sofisticados de informação.

b) A educação, que organizada como um sistema formal, requer não somente registros, mas as facilidades oferecidas por uma biblioteca como apoio ao sistema educacional.

c) Estabilidade da vida familiar.

d) Disponibilidade de tempo de lazer.

e) Tamanho das famílias e da população como um todo.

O desenvolvimento de bibliotecas em grande escala relaciona-se diretamente, «como uma constatação quase axiomática», com a estabilidade e prosperidade de um país. As principais condições apontadas são:

a) Economia bem desenvolvida e próspera, que necessita de um sofisticado sistema de conservação de registros não só para atender às atividades do governo como também às pesquisas que o desenvolvimento tecnológico e econômico requer.

b) Grande disponibilidade de recursos financeiros excedentes que possam liberar verbas para um amplo desenvolvimento de bibliotecas.

c) Matéria prima barata e de fácil obtenção para a produção de registros impressos.

d) Comércio livreiro bem organizado e implantado, apto a fornecer prontamente livros a preços acessíveis.

Como condições políticas destacam-se:

a) Governo eficiente e bem estabelecido, com tranquilidade política para apoiar e estimular a criação e o desenvolvimento de bibliotecas.

b) Aparelho burocrático complexo, que demanda grande quantidade de informação de âmbito nacional e internacional, coletadas e organizadas em bibliotecas.

Resumindo, enfatizam que bibliotecas florescem geralmente em sociedades em que prevalece a prosperidade econômica, em que a população é estável e instruída, onde o governo estimula o crescimento de bibliotecas, onde há grandes áreas urbanas e onde o comércio livreiro está bem organizado.

A crítica de Williams às explanações que destacam as variáveis sócio-culturais é a de que, como teoria, deixam muito a desejar, não preenchendo todos os requisitos que permitem classificá-las como tal. A única carac-

terística de teoria contida nos trabalhos que analisou é a declaração das variáveis. Quanto aos outros requisitos, como estabelecimento da importância relativa de uma variável, o inter-relacionamento das variáveis e a explicação de como essas variáveis afetam a criação e o desenvolvimento de bibliotecas não foram preenchidos. Observa que o leitor só pode pressumir que todos esses fatores «afetam as bibliotecas públicas ao mesmo tempo e do mesmo modo». (6:333) Para Williams, essa abordagem não consiste apenas de hipóteses não testadas, mas ignora também as diferenças no desenvolvimento de bibliotecas decorrentes das variáveis de tempo e de lugar.

Não analisamos os demais trabalhos apresentados por Williams. Entretanto, no que toca às considerações de Johnson & Harris, discordamos dele em alguns pontos. Na verdade, esses autores não se propõem a formular uma teoria. Fazem apenas considerações sobre as condições da sociedade que os estudiosos da história da biblioteca apontam como aquelas que mais contribuem para o aparecimento de bibliotecas. Mesmo assim, observam que há, na história, numerosas ocasiões em que essas condições parecem ter sido inoperantes, aconselhando que em tais casos deve-se fazer uma análise para descobrir quais outras variáveis atuaram, motivando a criação de bibliotecas. A abordagem de Johnson & Harris deixa evidente a estreita relação que há entre biblioteca e o modo como se desenvolve a cultura de uma sociedade, ou seja, a relação entre biblioteca e evolução sócio-cultural. Dependendo da forma como se estrutura a sociedade, as variáveis apresentadas atuam em maior ou menor grau de intensidade, em qualquer tempo ou lugar, não levando o leitor a julgar que a sua ação seria do mesmo modo e ao mesmo tempo.

As condições favoráveis à instalação e ao florescimento de bibliotecas são aquelas oferecidas por países

desenvolvidos. É evidente o caráter elitista que predomina na história da biblioteca como agência social, não só a nível de sociedade como a nível de indivíduos. Quando se alteram os valores das variáveis sócio-culturais, altera-se também a relação biblioteca/sociedade.

Uma pesquisa bibliográfica para levantar trabalhos sobre as variáveis sócio-culturais atuantes sobre bibliotecas de países em desenvolvimento destaca a pobreza nesse campo. Encontramos apenas trabalhos de três autores, que explicam os problemas de bibliotecas em países em desenvolvimento a partir de uma visão circunstancial, obtida através de rápidas viagens e de períodos de trabalho nesses países ou através de relatórios de outros estudos.

Shera (5) baseia sua análise sobre a natureza de problemas relacionados ao serviço de bibliotecas em países em desenvolvimento em conclusões de três seminários organizados pela UNESCO, entre 1951 e 1956. Cada um dos seminários focalizou um dos três continentes onde existem maior número de países subdesenvolvidos: América, África e Ásia. Apesar dos estudos terem sido dirigidos para os problemas relacionados com biblioteca pública, desenvolveram-se discussões para elaborar planos e recomendações para o desenvolvimento de serviços bibliotecários nessas regiões. Não obstante a atenção de Shera estar voltada para os problemas enfrentados na implantação de serviços bibliotecários, indiretamente esses problemas deixam entrever as variáveis que mais interferem em bibliotecas.

Asheim (1) entrou em contato com as bibliotecas dos países em desenvolvimento através de viagens realizadas com a finalidade de conhecer o desenvolvimento bibliotecário em todo o mundo. Em seu livro publicado para relatar o que viu, faz algumas considerações sobre

os problemas que mais afligem as bibliotecas do Terceiro Mundo e sobre as forças que moldam as sociedades e suas agências. Considera que há muitas influências sociais e históricas que dirigem o modo de agir das pessoas com relação à sociedade e suas instituições. Exemplifica com a visão romântica de democracia por parte dos americanos no século XVIII, que os levou a refletir seus ideais democráticos de educação para todos na criação de bibliotecas públicas. Argumenta, entretanto, que sociedades que se desenvolveram sob diferentes circunstâncias têm uma visão diferente, que decorre lógica e racionalmente de suas premissas, como a visão dos americanos se desenvolveu a partir das suas próprias premissas. Conceitua biblioteca como agência social que reflete a sociedade da qual é uma parte. Assim sendo, é de se esperar que influências sociais se reflitam nas formas de bibliotecas que existem nos países em desenvolvimento.

Benge (2) assinala que quem escreve sobre países em desenvolvimento depara com dificuldades tais como fazer generalizações sobre milhões de pessoas que têm em comum um só elemento: o subdesenvolvimento. Grande parte de sua vida profissional decorreu na África Ocidental e sua visão está condicionada a essa experiência. Entretanto, assinala que os sistemas do subdesenvolvimento são universais e identificáveis, mesmo quando os países têm formação distinta. A formação histórica e outros fatores condicionadores são muito diferentes na América Latina, no oeste da Ásia e no norte da África, mas há semelhanças consideráveis na situação educacional e no traço unificador, que é a dominação política por uma pequena elite. Nos países africanos que se conformaram dentro dos moldes europeus, a população foi submetida à deculturação, e, sob o domínio da cultura dos dominadores, surgiu uma «cultura alienada». Para

Benge, essa condição alienada da cultura leva os nativos a se verem refletidos em espelhos distorcidos.

Nota-se, através dos três trabalhos em análise, que a própria condição de subdesenvolvimento unifica os problemas ligados a bibliotecas, que são praticamente os mesmos em todas as regiões subdesenvolvidas, quer seja um país de formação neo-colonial da África ou da América Latina.

A partir do ângulo de uma sociedade subdesenvolvida e dependente, a relação sociedade/biblioteca assume outras dimensões. A educação é apontada como a variável que mais tem implicações com bibliotecas. Entretanto, um exame da conjuntura econômica, social e política dessas sociedades demonstra a falta de condições favoráveis ao desenvolvimento da educação formal. Na maioria dos casos, os sistemas políticos são instáveis e as condições econômicas não permitem que sejam destinadas verbas suficientes para a educação.

A instrução fica limitada a poucos, observa Asheim, mesmo porque as classes educadas de uma sociedade aristocrática consideram que uma educação de massa irá inevitavelmente diluir sua qualidade e natureza. A pequena parcela da sociedade que tem acesso à educação representa uma elite que recebe uma educação adequada ao papel que lhe cabe na sociedade aristocrática.

Para Benge, essa atitude das classes dominantes de relutar em abrir mão de seus privilégios em benefício de todas as esferas da sociedade é mais aparente na América Latina, onde há uma distância maior entre as classes sociais.

Como outros entraves à expansão da educação formal, são citados por Shera a irregular distribuição geográfica da população e o baixo nível econômico e social das famílias.

A permanente interação dessas variáveis, atuando algumas mais intensamente que outras conforme a região, leva a uma alta taxa de analfabetismo. Para essa grande camada de população analfabeta, biblioteca nada representa. A demanda de bibliotecas públicas torna-se, assim, mínima.

Não sendo objetivo da elite promover oportunidades de aperfeiçoamento a todas as camadas da sociedade, pondera Asheim, do mesmo modo agências que contribuem para esse fim não são particularmente desejáveis.

Um aspecto lembrado por Asheim que altera as dimensões da relação biblioteca e educação consiste na valorização dada, na maioria dos países em desenvolvimento, à autoridade inquestionável dos professores, o que faz com que os livros exerçam um papel muito pequeno no processo educacional. Geralmente as notas de aula e um único livro-texto são suficientes, o que desencoraja, mais do que encoraja, o hábito de leitura. Onde não há hábito do uso de livros nem consciência dos serviços que uma biblioteca pode prestar, não há também leitores em número suficiente para forçar as escolas, as universidades ou o governo a oferecerem melhores serviços.

Os fatores econômicos que agem negativamente no desenvolvimento do sistema educacional também atuam negativamente em bibliotecas. Países que não dispõem de recursos suficientes para desenvolver o sistema de instrução pública, muito menos terão verbas disponíveis para instalar bibliotecas.

Shera correlaciona os altos índices de analfabetismo com a ausência de tradição de bibliotecas. Em alguns países há uma pequena tradição, como os países árabes e suas bibliotecas em mosteiros e escolas religiosas, como Buenos Aires e Lima que nos inícios do século XIX já tinham suas bibliotecas públicas, como a Índia Colo-

nial com bibliotecas universitárias. Entretanto, em todos esses casos, as bibliotecas eram reservadas a uma minoria intelectual. A tradição que existia indicava que as bibliotecas eram para uso exclusivo de alguns estudiosos privilegiados, criando a associação de idéias de bibliotecas com educação formal.

Outro impedimento ao desenvolvimento de bibliotecas apontado por Shera e Bengé liga-se diretamente às dificuldades de trabalho encontradas pelo comércio livreiro e pelas editoras.

Essas dificuldades são de várias naturezas, como falta de matéria-prima nacional, ausência ou pequeno número de editoras nacionais, demanda por parte do público fraca ou ausente, representando pouco estímulo à produção e venda de livros. Forma-se um círculo vicioso — pouca procura, pouca oferta — gerando o problema da falta de publicações suficientes na língua nacional. Asheim conclui que o problema do reduzido público leitor não reside só na falta de escolarização, mas também na ausência de um bom programa de publicações nacionais em língua pátria. Para ele, a biblioteca é um desenvolvimento relativamente tardio e sofisticado em uma cultura que exige inevitavelmente a formação prévia de um público leitor e de um sistema de editoração.

CONCLUSÕES

Os trabalhos desenvolvidos no sentido de colocar a criação e o desenvolvimento de bibliotecas como uma variável dependente de forças sócio-culturais podem ser considerados um avanço no estudo histórico de bibliotecas.

Até então, esse enfoque tem sido desenvolvido por estudiosos da história das bibliotecas, sem ser encarado como um problema de pesquisa. Por constituir uma área ainda pouco explorada, essa abordagem ainda está na

fase de identificar variáveis a partir de generalizações empíricas. Essas generalizações refletem observações de senso comum, sem conceitos precisamente definidos e hipóteses formuladas para serem testadas sistematicamente em épocas e lugares distintos.

Os estudos históricos da criação e desenvolvimento das bibliotecas através dos tempos e dos papéis que essas vêm desempenhando junto às sociedades que as criaram revelam, implicitamente, os germes de uma teoria para explicar a ação de forças externas sobre as bibliotecas.

Para se chegar à definição de uma teoria, esses estudos devem ser retomados por investigadores e observados metodologicamente.

As generalizações estabelecidas por Johnson & Harris são particularmente interessantes porque se referem às condições sócio-culturais que a maioria de historiadores da biblioteca destacam como pré-requisitos importantes para o crescimento de bibliotecas, independentes de tempo e lugar.

As condições econômicas, sociais e políticas peculiares aos países em desenvolvimento tendem a atuar negativamente na criação e desenvolvimento de bibliotecas, oferecendo mais limitações que estímulos.

Torna-se claro a importância de desenvolver investigações sistemáticas na área obscura da história das bibliotecas brasileiras para conhecer a inter-relação biblioteca/sociedade em nosso país.

Analyses the trend shown by reasearchers to consider the establishment and development of libraries as a dependent variable of social and cultural factors. Reviews papers which present the relation between library and society in developing countries.

BIBLIOGRAFIA

1. ASHEIM, Lester. **Librarianship in the developing countries**. Urbana, University of Illinois Press, 1966.
2. BENGE, Ronald C. **Cultural crisis and libraries in the Third World**. London, C. Bingley, 1979.
3. GOMES, Sônia de C. **Bibliotecas e Sociedade na Primeira República Brasileira**; fatores sócio-culturais que atuaram na criação e instalação de bibliotecas de 1890 a 1930. Belo Horizonte, 1981. 113 p. (Tese de Mestrado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas da EB/UFGM).
4. JOHNSON, Elmer D. & HARRIS, Michael H. **History of libraries in the Western World**. Metuchen, The Scarecrow Press, 1976.
5. SHERA, Jesse H. **Introduction to Library Science**. Littleton, Co., Libraries Unlimited, 1976.
6. WILLIAMS, Robert V. The public library as the dependent variable: historically oriented theories and hypotheses of public library development. **Journal of library history**, 16 (2): 329-341, 1981.